

# ICA: comunicação e realidade

LUIZ ROBERTO ALVES  
(Universidade de São Paulo)

A 45ª Conferência da ICA (International Communication Association) realizou-se em Albuquerque, Novo México. A tradicional entidade que congrega pesquisadores em comunicação e estudos culturais propôs como tema desse evento *Communication and Reality*. Na introdução ao longo e denso programa de trabalho, o presidente Charles R. Berger, da Universidade da Califórnia em Davis, afirma que a discussão da "realidade" no estado do Novo México é quase paradoxal, visto que as paisagens da "terra do encantamento" sugerem perguntar se o que vemos é o real. Mesmo assim, os comunicadores, comunicólogos e pesquisadores de comunicação e cultura têm a incumbência de trabalhar o real e seus novos lances nas dezenas de grupos de interesses, sessões plenárias, exposições de trabalho e sessões temáticas.

O tema partilhado nos espaços e técnicas era vivido em diferentes sub-temas e áreas de interesse: Information Systems, Interpersonal Communication, Mass Communication, Organizational Communication, Political Communication, Instructional Communication, Philosophy of Communication, Popular Communication, Communication & Technology, Public Relation, Feminist Scholarship, Language and Social Interaction, Health Communication.

Não menos de 500 pesquisadores apresentaram seus trabalhos, previamente enviados. 30 ou 40% deles chegaram em forma de "papers" para compartilhamento dos interessados. Como se sabe, é frenética a publicação em comunicação e estudos culturais, notadamente nos Estados Unidos, exigindo-nos alguma atualização, pelo menos anualmente.

A crítica que se pode fazer à convenção é o seu gigantismo, de que decorre o direito mínimo à palavra, exigindo-se a sua complementação, tratada pessoalmente entre os pesquisadores. Sessões complexas em torno de longas pesquisas e temas candentes de atualidade se realizavam no intervalo de 1 hora e 15 minutos, dividido entre 4 conferencistas, dois debatedores

e as perguntas dos demais participantes, na média de 30/40 por sessão. Certamente, os debates foram quase sempre sacrificados. A recorrência possível era, portanto, alguma conversa pessoal e a troca de endereços para posterior seqüência de relação de trabalho.

A despeito disso, a recorrência aos trabalhos permite ver os modos e as amplitudes das investigações sobre comunicação e seu entorno.

A convenção do Novo México (porque tinha de discutir a "realidade") privilegiou temas não-emergentes, mas ao menos candentes na ótica americana. Vale lembrar que havia 10% de pesquisadores estrangeiros, mas quase que exclusivamente europeus e australianos, e mesmo assim componentes de pesquisas integradas a instituições ou indivíduos americanos. Deste modo, buscou-se teorizar em torno da esfera pública (*public sphere*), debateu-se a onda de conservadorismo que nega orientações sexuais e políticas divergentes nas instituições de educação, cultura e comunicação, tratou-se intensamente da audiência e suas formas de descodificação e centrou-se bastante tempo e espaço para gênero, educação de jovens e etnia. Como se vê, não deixam de ser os grandes temas americanos, mas também é inegável que nós os temos encontrado entre nós crescentemente, mesmo porque essa é a forma de a sociedade americana discutir democracia e cidadania: menos pela operação ideológica, que tanto nos agrada (ou agradou) do que pelos resultados sociais da prática democrática. No caso, os atos comunicacionais são práticas sociais às quais o investigador aplica metodologias para aferir comportamentos, variações, reconceituações. A busca das atitudes do descodificador social - entre eles os ouvintes/telespectadores - foi uma constante, notadamente os adolescentes. Como exemplo, o Prof. Dr. John Downing, chefe do departamento de comunicação de Austin, Tx., liderou um grupo de estudantes pós-graduados na pesquisa denominada: *Television and Teenage Ethnic Audiences: a U.S. Study*. O grupo trabalhou em escolas mistas, mas com predominância americano-africana, anglo-americana e mexicano-americana. Depois de relatar o estado da questão na América e apresentar as técnicas de trabalho (preferência ao discurso, à conversação sobre a TV e menos aos questionários) ele chega a conclusões "provisórias", a saber.

1 Trabalhados especialmente programas como *The Simpsons*, *Top Cops*, *Beverly Hills*, *In Living Color*, as reações dependeram às vezes da conjuntura, outras do sexo (garotos e garotas) e ainda algumas segundo a tradição. A religiosidade, por exemplo, foi muito levada a sério como sur-

giu na personagem de *Marge (The Simpsons)*.

2 O papel da polícia foi destacado como negativo pela maioria dos rapazes, diminuindo essa negatividade entre as garotas (que destacaram o perigo da função). Os estudantes de origem africana se sentem o próprio alvo da violência policial.

3 Não deixaram de evidenciar os adolescentes os problemas de classe social. Por exemplo, o grupo da escola predominantemente negra considerou a forma de vida em *Beverly Hills* como "branca" e os jovens chicanos disseram que o tipo de relações sociais, especialmente a dimensão erótica das relações - era coisa de ricos. Já o discurso dos garotos predominantemente anglo-saxônicos dizia que as gangs são coisas da "pobreza".

4 Racismo é problema reconhecido e generalizado. Mas com diferentes ênfases. Os negros o sentem como exclusivamente contra eles, os chicanos como ato contra os negros e parcialmente contra eles (porém não o reconhecem na TV) e os jovens anglo-americanos o viram como coisa séria, mas seu discurso também dizia que as periferias são lugares perigosos, nos quais as "misturas culturais" são fator de indução à violência.

5 A questão das *gangs* deixou explícita a questão do espaço de classe. Mas no seu universo discursivo, os jovens anglo-americanos as consideraram um assunto distante, enquanto os demais uma presença, no entanto "não eram coisa da sua vida pessoal".

O coordenador do projeto acrescenta que o senso de etnicidade não é amplo entre os adolescentes. A "leitura" da TV feita por eles é polissêmica, muito ampla. Enfim, o que se pode depreender da pesquisa é que, citando: "Conceptually, our findings suggest that the long-running battle over strong media versus weak media is full of sound and fury signifying nothing, a blind alley that effectively homogenizes media and reduces their definition to technological, rather than cultural, entities. Different groups, different individuals, respond variably depending on their own positioning and the nature of the text and the character of the conversation. By "groups" therefore we do not only mean ethnic groups or gender groups, but also to some degree different discussion-groups within the same ethnic group. Indeed, the two Adams groups (escola anglo-americana) were noticeably "text-free" in their discussions" (p. 8.).

Os adolescentes não se sentem retratados na TV. Sabem que a TV opera com o seu "negócio". Os "latinos" se ressentem do "realismo" no

qual a sua comunidade parece ser "lugar de problemas sociais". De outro lado, negam estereótipos, mas o seu discurso é um processo aberto.

Revela-se a existência de um cruzamento bibliográfico rico. Autores europeus e americanos se intercambiam nas citações. Pesquisas como a integrada por americanos, alemães, italianos e indianos, denominada *Audience decodings of television news* avançam para a discussão de valores familiares, formas de punição social (Foucault), identificações estado/pessoa, pessoa/outro etc., apontando para novas formas de articulação de sentidos (que também se denomina "negociação de sentidos"). Enfim, busca-se reconceituar essas articulações, reescrever lances da escola já escritos, com olhar aguçado pela sofisticação das relações de informação, saber e poder.

Quanto ao meu trabalho pessoal, participei do painel denominado "Concepts of the Media and of Audiences in selected latin american nations". Mostrei a minha leitura dos suplementos culturais, desde o Cultural de *O Estado até o mais!*. Eles estão trabalhados por um conceito de cultura via de regra elitista, nascido no universo das belas artes e, assim, mesmo quando fazem esforços para a "massificação" da informação, o fazem de pé-quebrado: a mediação lingüística problematiza as intenções de conteúdo. Deste modo, as articulações de sentido se fazem problemáticas. A análise dos suplementos culturais é espaço privilegiado para discutir os sentidos da cultura no Brasil. Os suplementos quiseram ver e sondar o que acontecia no processo de massificação do conhecimento, mas tiveram instrumentos fundamentalmente inibidores do esforço.

Os demais colegas de mesa trataram da "cross-cultural influence" no Caribe, via TV, do processo eleitoral de 1992 em Porto Rico e do *Noticiero Univision*, objeto para o discurso da etnia e do panamericanismo.